

OS REACCIONÁRIOS TIVERAM A "QUEIMA" QUE MERECEM

1. Em Maio de 1969 decidiram os estudantes de Coimbra não realizar a "Queima" desse ano. Na verdade, as duras condições repressivas que então se viviam em Coimbra eram totalmente contraditórias com o espírito que até aí a "Queima" tinha revestido, enquanto jornada de festa e confraternização dos estudantes. As jornadas de luta de 1968 vieram quebrar o imobilismo de três anos de Comissões Administrativas, rasgando definitivamente os caminhos de uma luta a travar contra uma Universidade caduca, desmontando os mecanismos de selecção e autoritarismo que o ensino revestia e de que a Universidade era um espelho.

E se em 69 a "Queima" não se realiza por razões bem concretas (suspensão de dirigentes e mais medidas repressivas), os anos seguintes dão a verdadeira dimensão a esta festa toda voltada para si, como numa auto-contemplação totalmente abstraída duma realidade a que os estudantes já não eram alheios.

Sabendo da sua situação de privilégio, os estudantes de Coimbra recusam-se a ostentá-la numa "Queima" que só para isso serve.

Cada vez mais abandonada, a "Queima", vem a ser hoje o refúgio dos sectores mais reaccionários, a cartada desesperada com vista ao recuo (impossível) da consciência estudantil e uma manobra de diversão do eixo central de luta dos estudantes de Coimbra neste momento: abertura da AAC, liberdade de reunião e informação

2. Face às manobras acima descritas a reacção dos estudantes foi extremamente clara e devem ser dissecadas na generalidade as actuações que mais relevância tiveram nos últimos dias.

Em primeiro lugar as concentrações enormes de estudantes nos locais que eram previstos, ou possíveis, para a realização da "Queima". É difícil fazer um balanço exacto deste aspecto, mas não haverá grande perigo, ou margem de erro se se afirmar que pelo menos 3500 estudantes colaboraram no "boicote" à "Queima", quer na Sé Velha, quer na Escola Brotero.

Por outro lado, a manifestação do Bairro Marechal Carmo, não englobando todavia todos os estudantes que se juntaram frente à Escola Brotero, deve fazer concluir por uma grande prova de combatividade e de coragem. Af, para além da demonstração evidente de quais os actuais objectivos associativos dos estudantes de Coimbra, também a tomada de posição de muitos estudantes presentes sobre vários problemas políticos actuais deixa entrever o crescimento do seu grau de consciência. Igualmente prova de grande combatividade foi a actuação generalizada dos estudantes demonstrando aos provocadores, PIDES e polícias que as forças que montam conjuntamente e a repressão sistemática que montam e servem, nem sempre são cobertas com impunidade e por vezes são mesmo pagas duramente.

Um aspecto final a vincar é as dificuldades de organização que neste momento persistem ainda no Movimento Associativo. Estas dificuldades também foram detectáveis nestes dias. Igualmente já foi dito que a causa fundamental destas dificuldades tem a sua explicação na vaga repressiva que em primeira mão se pretende atingir.

É importante referir o que a cada momento é notório: a combatividade e a participação massiva dos estudantes de Coimbra nas suas lutas actuais, ultrapassa de longe a capacidade de organização de que dispõem. Mas mais importante é concluir pela urgente necessidade de alterar estas disparidades. As deficiências das estruturas associativas constituem objectivamente um ponto fraco no M.A. de Coimbra, que não se justifica sómente pelo encerramento da A.A.C. . Compreender esta questão é essencial e a todos nós compete compreendê-la e solucioná-la.

3. a) A "Queima", que aparece como uma iniciativa na qual se encontram inicialmente envolvidos todos os sectores da reacção, com um baile de noite-cada de filhos de polícias, transportados em carros da P.I.D.E.-D.G.S. para um local isolado.

b) O que não significa que a reacção tenha esgotado as suas baterias: ela não vai decerto, abalançar-se a provocações tão espectaculares nos próximos tempos. Procurará outros caminhos mais neutrais: o festival de Cores do Orfeon, marcado para 1973, é uma iniciativa "artística", capaz de dar menos nas vistas e de não ser imediatamente compreendida pelos estudantes como um ataque ao seu Movimento. Entretanto os órgãos (políticos) governamentais esbarregar-se-ão de lhe dar todo o conteúdo (político).

c) Mas, porque estará a reacção tão predestinada para o falhanço? Porque será que de cada gracinha reaccionária não retira senão as pedras cada vez mais numerosas em que se constrói a estátua da sua derrota?

Porque os reaccionários não respondem aos interesses dos estudantes, iludem-nos. Porque os reaccionários perderam definitivamente a simpatia da juventude universitária nos combates sem glória onde defendem os seus privilégios. Porque os reaccionários são uma carcassa em decomposição e das carcassas condenadas até os ratos fogem.

Assim, também aqueles que ignoram a consciência estudantil, que confundem os objectivos em causa, que pretendem substituir as exigências sentidas massivamente e pelas quais nós estamos dispostos a bater-nos unidos por outras, em relação às quais se impõe ainda um trabalho árduo de esclarecimento e cuja condução não nos compete, esses, arriscam-se também a isolar-se nas veredas do seu sectarismo, a constituir com o peso que o seu cisionismo inevitavelmente acarreta, um factor a subtrair a cada vitória, uma fonte de energias perdidas no interior do Movimento.

d) A "Queima" foi sentida como uma faceta de repressão governamental levada a cabo pelos seus acólitos na Universidade, e como tal foi combatida por milhares de estudantes e desprezada por todos. Dar conteúdo a este combate e a este desprezo é avançar as propostas de reabertura da A.A.C., de normalização da vida sindical nos cursos e nas Faculdades, dum Assembleia Magna onde os estudantes decidam eles próprios os caminhos a dar à sua luta.

CONTRA A "QUEIMA" CONTRA A REPRESSÃO ABERTURA DA A.A.C.

ASSEMBLEIA MAGNA

POR UM MOVIMENTO ASSOCIATIVO DE TODOS OS ESTUDANTES

Coimbra, 17 de Maio de 1972

COMISSÃO ASSOCIATIVA